

Maurício Tragtenberg – Militância e pedagogia libertária

ANTÔNIO OZAÍ DA SILVA
Ijuí, Ed. Unijuí, 2008, 344p.

*Francisco Xarão**

Neste livro, Antonio Ozaí da Silva analisa o pensamento e a práxis de Maurício Tragtenberg, pensador social, militante libertário, educador e crítico da burocracia. O ponto de partida que sustenta toda a construção da obra é o de que “se o indivíduo é a síntese da relação entre os atos e as condições em que atua, simultaneamente produto das circunstâncias e agente histórico que age sobre estas, então a compreensão da sua obra passa pela apreensão da sua singularidade” (p. 305).

Tal tese básica é desdobrada em quatro capítulos começando por um esboço biográfico no capítulo um, no qual se apresentam as raízes da ascendência judaica, os primeiros anos de formação, a vida na pequena cidade de Erechim (RS) e as dificuldades de adaptação ao sistema escolar formal. Relata as vivências que configuram a formação autodidata de Tragtenberg, percurso que ele, à maneira de Gorki, gostava de chamar de “minhas universidades”. Analisa o período de ingresso na universidade até os anos mais difíceis que englobam o período da ditadura militar, quando Maurício fora demitido e cassado, em outubro de 1964, pelo Ato Institucional nº 1.

No capítulo dois, ao analisar a formação autodidata de Tragtenberg, o autor propõe, com competência e rigor na investigação, um debate de fôlego sobre

* Professor de Filosofia da rede municipal de Porto Alegre, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

a relação entre o saber dito informal e o saber da academia. Com propriedade, lastreado em ampla bibliografia que discute o assunto, além das próprias teses e vivências de Tragtenberg, afirma que na academia “o saber formulado nos espaços sociais inseridos no cotidiano é *expropriado*, transformado em conhecimento especializado e em mercadoria de consumo” (p.105). Ele faz questão de assinalar que Tragtenberg não negava a importância e o valor do saber especializado, mas o modo espetacular dos procedimentos e ritos acadêmicos que valorizam mais os estrelismos e as celebridades do que o próprio saber. Contrário a isso, o autor relata, por exemplo, a publicação da coluna *No batente*, no jornal sensacionalista *Notícias Populares*. A razão disso, explica Ozaí, é que Tragtenberg queria falar com os trabalhadores: em uma reunião do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema (SP), um militante lhe disse que “para cada *Folha* [*Folha de S.Paulo*] que entra na *Volks* entram quarenta *Notícias Populares*” (p.115). Esse posicionamento de Maurício já era, por si só, uma crítica ao *Homo Academicus*. E ele não fazia isso, ressalva Ozaí, por jogo interno da academia, como uma espécie de personagem que queria se notabilizar, como *Homo Academicus*, pelo pitoresco, por excentricidade. Não! Maurício Tragtenberg vivia as ideias que defendia. A esse respeito, lembra Ozaí, o princípio que articula, embasa e sustenta a postura político-pedagógica libertária de Maurício Tragtenberg é a autogestão dos trabalhadores. Essa visão de mundo, classificada por muitos militantes como mero espontaneísmo ou romantismo, empurrou Tragtenberg para longe dos partidos políticos.

O autor vê no “questionamento das relações de poder” o cerne da obra de Maurício Tragtenberg: “Em torno desse eixo ele assume uma postura política ideológica em defesa da autonomia operária, dando a esta atitude um sentido libertário” (p.141). As conclusões do segundo capítulo esclarecem que a resistência em ceder aos formalismos burocráticos da universidade, a crítica veemente ao que Tragtenberg nominou de “pedagogia burocrática”, fundamentam-se nos princípios de autonomia, auto-organização, liberdade e solidariedade.

A partir do capítulo três apresentam-se as principais obras de Tragtenberg, começando pelos primeiros escritos até um balanço crítico do significado e da influência de seu pensamento, ao mesmo tempo que discute a profunda coerência entre sua práxis (apresentada no capítulo dois) e as suas ideias. Maurício Tragtenberg foi um crítico severo do poder burocrático. Sua obra *Burocracia e ideologia* é referência obrigatória para quem pretende estudar o tema e a recepção de Max Weber no Brasil. Sobre isso, observa Ozaí, Tragtenberg sempre cultuou a ideia, expressa por Espinosa, de que “ante os fatos nem rir, nem chorar, mas compreender”. Ele levou essa posição para o método de estudo, pois jamais se deixou prender pelas algemas das escolas de pensamento. Rejeitou ser discípulo e também formar discípulos. O que ele queria era compreender. Por isso seu proceder metodológico não era dogmático e muito menos ortodoxo. Quando se colocava o desafio de estudar, o que importava, antes de tudo, era “ouvir” primeiro

o que o autor tinha a dizer, depois criticar, se fosse preciso, mas tirar lições para ir sempre mais adiante no saber. Essa atitude respeitosa, fundada na liberdade de pensar, o fez receber a obra de Max Weber como uma importante contribuição para criticar a burocracia, e não apenas, como fez parte da tradição sociológica no Brasil, tomá-lo, simplesmente, por um apologista da burocracia. Partindo da visão de que o poder se estrutura burocraticamente como dominação, Tragtenberg não poupou nenhuma corrente filosófica ou facção política que alimentasse algum traço de autoritarismo. Do marxismo ao anarquismo, passando pelos partidos políticos e sua bem conhecida polêmica com o MR8, ele não fez concessões ou acordos no debate das ideias que defendia. Por isso, o autor conclui que “Tragtenberg é um daqueles indivíduos difíceis de enquadrar em rótulos: os *ismos* que comumente ouvimos e falamos no ambiente acadêmico e político não permitem compreendê-lo” (p. 197).

Por fim, o capítulo quatro discute a contribuição crítica de Tragtenberg para a pedagogia e a práxis educativa. Apresentam-se “as palavras de combate”, especialmente a produção dos anos 70-90, como o célebre artigo “A delinquência acadêmica”. Em seus escritos sobre a educação, Tragtenberg denuncia que os diretamente envolvidos com o processo de ensinar-aprender não controlam a gestão da escola. E isso faz da escola uma instituição tão alienante quanto a fábrica, ou seja, na sua visão, adequadamente apresentada no livro, a escola reproduz a estrutura de classe e a dominação. O professor-burocrata, alvo de fortes críticas de Tragtenberg, é o protótipo capitalista, mais preocupado em capitalizar seus títulos, certificados, honras acadêmicas do que produzir conhecimento emancipador. Com isso, contribui para a manutenção do *status quo* e a permanência das relações de exploração e dominação.

O autor conclui seu trabalho apontando que, para além da crítica dura e consistente contra o sistema formal de ensino, é possível vislumbrar, na obra de Maurício Tragtenberg, alternativas mesmo que ainda por dentro do sistema, baseadas em uma nova práxis educacional. Assim, os textos de Tragtenberg sobre educação encerram também uma mensagem: é preciso praticar a autonomia dos alunos, a desburocratização das relações e a construção da autogestão como forma de emancipação. Antônio Ozaí da Silva compreendeu bem essa mensagem ao realizar um excelente ensaio de pedagogia crítica.

Ainda, é preciso acentuar a qualidade do pesquisador que presenteia o leitor com uma extensa lista de referências bibliográficas sobre o pensamento pedagógico crítico e libertário, além da obra completa, com livros, artigos, resenhas e mais a relação de dissertações e teses orientados por Maurício Tragtenberg. Portanto, o trabalho de Antônio Ozaí da Silva, seja por suas contribuições teóricas, seja pela recuperação do pensamento e da práxis de Maurício Tragtenberg, produto de anos de pesquisa, merece uma leitura atenta por todos aqueles que pretendem exercer uma crítica ao burocratismo acadêmico e à defesa de um projeto emancipatório.

XARÃO, Francisco. Resenha de: SILVA, Antônio Ozaí da. Maurício Tragtenberg – Militância e pedagogia libertária. Ijuí, Ed. Unijuí, 2008, 344p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.29, 2009, p.181-183.

Palavras-chave: Pedagogia; Anarquismo.